

COLETIVOS NEGROS: O LUIZA MAHIN E AS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E CONSTRUÇÃO DO SABER NO ESPAÇO ACADÊMICO

Ivana Dorali; Elen Ferreira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Resumo: O presente trabalho aplicou a metodologia dialógica fomentada em rodas de conversas constituídas por universitários negrxs no âmbito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As experiências compartilhadas imbricavam num ponto comum: o racismo sofrido pelos mesmos. Tendo em vista estratégias de sobrevivência, permanência e construção acadêmica significativa e identitária vindo ao encontro dos anseios pessoal, social e político, os discentes - enquanto sujeitos autônomos do saber, entendem a necessidade de discutir temáticas próprias que atravessam semelhantemente suas vidas. Sendo assim, optam por instituir o Coletivo Negro Luísa Mahin como espaço de estudos e auto-cuidado.

Palavras chave: práticas estudantis decoloniais; coletivos negros; educação antirracista.

Introdução: “Juventude é mais que uma palavra”, nos diz Margulis e Urresti (1996), ao afirmar que os limites da juventude é uma categoria imprecisa, com limites não definidos rigidamente, definidos, em grande parte por rituais de passagens estabelecidos pelas instituições tradicionais e, sobretudo, pela heterogeneidade econômica, cultural e social. Considerando as relações patriarcais, machistas, racistas excludentes imbricadas na construção da nossa sociedade, podemos aqui afirmar que gênero e raça também são marcadores na construção da identidade do ser jovem. Nesta perspectiva, raça/gênero são condições que afetam diretamente os ritos de passagem da infância para juventude e da juventude para a vida adulta, onde o acesso à educação e às instituições escolares, possibilidade de continuidade da escolarização - especialmente ensino médio e superior - são determinantes para definir quem tem “direito” à juventude. Este trabalho objetiva apresentar o quilombismo negro universitário à partir do espaço pensado por seus integrantes, o Coletivo Negro Luísa Mahin, interpretado como quilombo por seus integrantes, segue potente enquanto locus representativo e seguro para a população negra acadêmica

Metodologia: Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o percentual de negros no nível superior quase dobrou em 10 anos: em 2005, um ano após a implementação de ações afirmativas, apenas 5,5% dos jovens pretos ou pardos de 18 a 24 anos frequentavam uma faculdade. Em 2015, 12,8% dos negros na mesma faixa etária estão matriculados no ensino superior. A pesquisa constatou ainda que, comparado com os brancos, no entanto, o número equivale a menos da metade dos jovens brancos com a mesma oportunidade, que eram 26,5% em 2015 e 17,8% em 2005. Considerando a baixa qualidade do ensino básico das escolas públicas e as políticas de incentivo às faculdades privadas, como o Prouni e FIES, em detrimento do investimento na Universidade Pública, a maioria desses poucos jovens negros que conseguem acesso ao ensino superior, estão na rede privada. Estes números demonstram de maneira eloquente que, apesar das políticas públicas de reparação, o ingresso ao ensino superior da parcela mais excluída socialmente permanece ínfimo, as instituições de ensino ainda mantêm sua essência academicista exclusiva - especialmente nas universidades públicas historicamente excludentes.

Diante da realidade constatada, buscou-se construir uma comunicação dinâmica e produtiva que

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

possibilitasse maior interação entre os participantes - que se encontravam dispersos em diferentes cursos dentro da mesma universidade, apresentando-se como um rico instrumento na prática metodológica. As discussões foram pautadas nas percepções e impressões dos integrantes do coletivo diante das relações pessoais e acadêmicas constituídas na universidade à partir da ocupação de corpos pretos naquele espaço. Esta pesquisa possibilitou identificar a importância da técnica utilizada para a coleta de dados, denominado Rodas de Conversas à medida que oportunizou momentos de discussão, interação, autocuidado, acolhimento e reflexão, necessários nas relações pessoais e tidos como difíceis de alcançar em função do mundo violento e individualista no qual estamos. Neste Coletivo, os participantes puderam expressar livremente suas inquietações e expectativas num clima de informalidade, mas também seriedade. A experiência de sentir-se protagonista da sua própria vida.

Resultados e Discussão:

A lógica universitária excludente, para além da dificuldade de ingresso, gera notável revés na permanência de estudantes afrodescendentes. Desde a localização geográfica da instituição de ensino, acesso, conteúdo programático acadêmico, abordagens epistemológica, autores, código de conduta, relação docente com seus discente, são mecanismos de exclusão; uma vez que a origem, ancestralidade, bagagem socio-cultural-econômica destes alunos não são valorizadas ou sequer consideradas. Neste sentido, o aquilombamento em coletivos estudantis negros se mostra uma das principais estratégias para sobrevivência, permanência e reconhecimento de sua história e ancestralidade em ambiente acadêmico ainda majoritariamente eurocêntrico.

Reconhecendo a diversidade como ponto fundamental para construção do conhecimento, Biroli e Miguel (2015) destacam Gonzalez, Bairros e Werneck, apontando que embora as produções acadêmicas tenham sido feitas por indivíduos socialmente privilegiados, as contribuições de escritoras negras provocam deslocamentos provocados pela irrupção da fala de quem foi colocada socialmente numa posição de ser falada e infantilizada (GONZALEZ, 1983 apud BAIROS, 200), e neste sentido, são também disputas pela possibilidade de auto-definição (WERNECK, 2010). Esta condição, subsume-se que o lugar de fala do indivíduo promove diretamente uma outra perspectiva do objeto pesquisado, proporcionando outras vertentes no espaço acadêmico.

Alinhado ao pensamento crítico e emancipatório, a partir de suas vivências e atuação, o Coletivo Luiza Mahin propõe uma atuação ativa. Na busca da desconstrução da lógica eurocêntrica da academia e intentando propor diversidade realizou ações notáveis que repercutiram positivamente na Universidade, no campo da produção do conhecimento. Foi principal proponente na ocupação da UNIRIO, à época dos movimentos de ocupação da Universidade, em 2016, debatendo temas da pauta racial, de gênero, religiosidade e transgeneridade negra, através do Ocupa Nego. Em 2017 o Luiza Mahin ministrou a disciplina de Ciências Naturais II para os alunos de Pedagogia da Universidade, um convite do professor Dr. Celso Sanches, para construção de uma visão afrocentrada e feminista da disciplina. Assim, tornando integrantes do Coletivo Pesquisadores do GEASur - Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur, departamento que estuda questões ambientais em toda a América Latina. Realizou, também, o Slam da Resistência, um evento político anti-racista, anti-machista, contra a transfobia e todas as formas de opressão, que surgiu após picharem “pretos fedem” na parede do CLA - Centro de Letras e Artes.

Fora dos muros da Universidade, o Coletivo Luiza Mahin realizou, em parceria com a Rede Municipal de Ensino, a partir da Profa. Elen Ferreira membro do coletivo, a Semana Esperança Garcia na Escola Municipal Tiradentes, para alunos do 1º ao 5º ano. Durante sete dias foram discutidos temas, como Identidade Preta e Estética Negra com tranço e turbantaço, Religiosidade, Utilização das Mídias para Promoção da Diversidade, Slam, Diferença entre Racismo, discriminação, preconceito e Bullying. Para além da relação institucional, a participação dos membros em pesquisas acadêmicas, incita o debate racial e provocando releituras em grupos que ainda buscam se apropriar do recorte racial e de gênero, como o fez Ivana Doralí e Rose Miranda, culminando, por iniciativa da orientadora, em um grupo de estudos sobre Interseccionalidade em um dos segmentos de pesquisa sobre juventude e socialização, para melhor conhecimento de como essas clivagens sociais se apresentam no objeto analisado.

Conclusão:

Coletivos estudantis formados por alunos negros têm um papel fundamental na construção da auto estima, auto afirmação, permanência e disputa de espaço na construção de um saber acadêmico que contemple sua história e ancestralidade. Observamos, a partir da nossa atuação à frente do Coletivo Luiza Mahin, que a coletividade é, inicialmente, evidenciada de forma objetiva nos primeiros momentos após a chegada à Universidade pública. O ambiente majoritariamente ocupado por pessoas brancas desempenhado o protagonismo de suas vidas enquanto alunos ou professores contrastam distintamente dos corpos pretos que os inter cruzam no espaço educacional, onde estes garantem àqueles um ambiente salubre para desempenharem seus papéis. Quase que invisíveis, carregavam vassouras, pás e exerciam, em grande maioria, os trabalhos braçais. Discorre-se aqui de fatos, grupos de pessoas separados por sua raça, gênero e classe tendo acesso ou não à educação no ensino superior público.

Essa representação física dos espaços nos quais cada grupo protagoniza suas histórias apresenta-se de forma violenta às pessoas pretas que chegam à universidade, aqui como estudantes e/ou professores, que identificam o racismo em suas diversas formas e nuances variando desde a agressão verbal proferida contra nossos corpos à violação de nosso intelecto ao nos introjetar um ensino eurocêntrico, pertencente ao projeto do colonialismo do saber. É justamente por reconhecer esse local- agora ocupado pela população negra- que é mister resistir, conjuntamente com os pares, objetivando um trabalho que parte da individualidade, dos anseios intrínsecos de cada, mas que, também, busca compreender suas interconexões com outros atores formadores deste grupo maior que é a negritude, apontando a importância da luta coletiva como estratégia política, progressista, capaz de resgatar a memória histórica negada sistematicamente aos seus e, que segue, institucionalmente mantendo-se no país, perpetrando-se em função da invisibilização da luta antirracista no cenário da educação.

Desta forma, os coletivos estudantis negres seguem, abordando temas que lhes são caros, com seriedade, efetivamente criando movimentos internos e externos à universidade. Pressionando inclusive, o interior de outros movimentos progressistas de maneira articulada, com reivindicações por educação de qualidade que nos assegure mais do que uma escola sem o racismo, uma educação antirracista.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. “A Juventude é apenas uma palavra”. Questões de sociologia.

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, [s.l.], v. 20, n. 2, p.27-55, 25 dez. 2015. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p27>.

HOOKS, B. A teoria como prática libertadora. In: HOOKS, B. (Org.). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 83-104.

MARGULIS, Mário y URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*, 1996.

MIRANDA, Claudia. Intelectuais afrobrasileiras e suas contribuições para uma crítica pós-colonial feminista. In: *II Congreso de Estudios Poscoloniales y II Jornada de Feminismo Poscolonial*, 2014, Buenos Aires. *II Congreso de Estudios Poscoloniales y II Jornada de Feminismo Poscolonial*. Buenos Aires: Instituto de Altos Estudios Sociales, 2014. v. 1. p. 1-20.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 1, n. 42, p.201-248, jan./jun. 2014.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais*. 2007.

PÉREZ ISLAS, José Antonio *Juventud: Un concepto en disputa*. Texto publicado en J. A. Pérez Islas, Monica Valdez y Ma. Herlinda Suárez Z. (coords.), *Teorías sobre la Juventud. Las miradas de los Clásicos*, UNAM-Miguel Ángel Porrúa, México, 2008.